



## Voto favelado ajuda a eleger Lula presidente do Brasil

Em disputa apertada, Luiz Inácio Lula da Silva venceu com 50,9% dos votos válidos. Jair Bolsonaro é o primeiro candidato a não se reeleger no país nos últimos 25 anos.

**PÁGINAS 6 E 7**

### Segurança pública

Direito à memória na Maré: vítimas da violência armada lembradas em memorial.

**PÁGINA 3**



LAURA TAVES



COCÔZAP

### Meio ambiente

Risco de enchentes causa apreensão nas periferias: o que (ainda) podemos fazer?

**PÁGINAS 10 E 11**

### Combate ao racismo

Discriminação racial afeta até mesmo o acesso à saúde para mulheres negras.

**PÁGINAS 12 E 13**



MATHEUS AFFONSO



### Saúde

Mortes por tuberculose sobem no estado do Rio, e na Maré já superam as de 2020.

**PÁGINA 15**



# EDITORIAL

A derrota de Jair Bolsonaro é simbólica. Mesmo com o aparato do Estado e a cumplicidade dos que deveriam preservar a lei e a ordem, ele é o primeiro candidato da situação a não se reeleger desde a redemocratização. O resultado ainda é muito recente, mas é possível ler nele uma resposta da sociedade brasileira contra o extremismo, contra o desrespeito à ciência, contra a estigmatização das favelas, contra a fome.

Agora é hora de virar a página. Após anos muito difíceis política e economicamente, finalmente boa parte da população consegue sentir esperança. Mas nada será fácil. Tão simbólica quanto a derrota de Bolsonaro, é a vitória de Luiz Inácio Lula da Silva. O presidente eleito vai ocupar o Planalto pela terceira vez e reconheceu, no pronunciamento depois de confirmada sua vitória, como será complicado alinhar os compromissos sociais assumidos com a economia de mercado e os limites do que estabelece a responsabilidade fiscal.

É preciso estar atento e forte. Ainda temos quase dois meses do atual governo, e grupos insatisfeitos com os resultados das eleições promovem atos antidemocráticos pelo país. Que as instituições mantenham-se firmes na manutenção da democracia. Pela frente, virão anos desafiadores regidos por uma palavra-chave: retomada. Retomar o combate à fome e à miséria, retomar o crescimento econômico, retomar o respeito à ciência e à cultura no país. É preciso pacificar e unir o Brasil e devolver o respeito à vida e à diversidade ao lugar de onde nunca deveriam ter saído.

Que esta edição do mês de novembro encontre você com saúde! Compartilhe conosco por WhatsApp críticas, sugestões ou elogios: (21) 97271-9410. Boa leitura, fique de olho no nosso site e até a próxima edição!

## EU, LEITOR

### Pode esbarrar à vontade

Agora na nossa roda, corações abertos de modo maior do que estão acostumados, sem estruturas protetoras porque nos sentimos protegidos entre nós. Estamos afetados por nós, afeto tamanho — causado por um encontro do acaso, um esbarro daqueles que embola tudo, causa aquele nó que não desata — que se personificássemos... estaríamos na primeira página: “Esbarro Fatal” (seria a manchete).

Causou a perda de muitas cabeças, perda total de amarras ensinadas por toda vida (as que ficaram, estão estremecidas... prestes a cederem), o impacto foi tanto que acabou com aquelas pobres coitadas... pausa dramática da repórter... respira... Agora eles FALAM, eles verbalizam o que sentem e o que criam. Agora, depois de se desfazerem... SÃO.

Um dos acidentados exclama: Pode esbarrar à vontade!

*Texto apresentado por Ana Beatriz Pires durante encerramento da primeira turma do Laboratório de Formação em Jornalismo do Maré de Notícias*

## EXPEDIENTE

REALIZAÇÃO:

redes da **maré**

PARCERIA:

act:ona id

**MARÉ**  
DE NOTÍCIAS

R. Sargento Silva Nunes, 1012  
Nova Holanda - Maré  
Rio de Janeiro - RJ - CEP: 21044-242  
www.mareonline.com.br  
maredenoticias@gmail.com  
contato@maredenoticias.com.br

APOIO:

16 Associações de Moradores da Maré

EDITORA EXECUTIVA E  
JORNALISTA RESPONSÁVEL

Jéssica Pires

EDITORA

Tamyres Matos  
(Mtb 32434/RJ)

COORDENADORES DE  
DISTRIBUIÇÃO:

Joee Lins e Silva  
Lenny Aquino

Lucas Frederico Brandão  
Thuany Vieira Nascimento

DISTRIBUIDORES:

Cristiane dos Santos

Diego Alves

Jonathan Ribeiro

Larissa Oliveira

Pedro de Oliveira

Renata Gomes

Vagner Moreira

Valdemir Gomes

COLABORARAM NESTA  
EDIÇÃO

Adriana Pavlova  
Edu Carvalho  
Hélio Euclides  
(Mtb 29919/RJ)  
Jorge Melo  
Samara Oliveira

FOTOGRAFIA

Gabi Lino  
Matheus Affonso

REVISÃO

Julia Marinho

PROJETO GRÁFICO

Mórula\_Oficina de ideias

DIAGRAMAÇÃO

Filipe Almeida

IMPRESSÃO

Gráfica Tribuna

TIRAGEM

50 mil exemplares

OS ARTIGOS ASSINADOS NÃO  
REPRESENTAM A OPINIÃO  
DO JORNAL.  
PERMITIDA A REPRODUÇÃO  
DOS TEXTOS, DESDE QUE CITADA  
A FONTE.

Acompanhe o Maré de Notícias  
na internet!



@maredenoticiasoficial



www.mareonline.com.br



@maredenoticias



(21) 97271-9410



@MareNoticias



maredenoticias@gmail.com

## GARANTA O SEU JORNAL!

O Maré de Notícias é entregue de porta em porta nos 47 mil domicílios das 16 favelas da Maré. Se por acaso não chegar na sua casa, avise-nos pelo WhatsApp (21) 97271-9410, via redes sociais (@maredenoticias) ou ainda pelo email contato@maredenoticias.com.br e confira se na associação de moradores de sua favela não tem um exemplar para você. Ajude-nos a melhorar nossa distribuição! Contamos com todos os mareenses!

# Memorial em homenagem às vítimas da violência

## Painel erguido na Nova Maré preserva nomes gravados em azulejos confeccionados por familiares de vítimas no conjunto de favelas

JÉSSICA PIRES

O Memorial das Vítimas da Violência Armada no Conjunto de Favelas da Maré, que preserva a memória de 126 pessoas que tiveram suas vidas interrompidas pela violência, foi inaugurado na semana do Dia de Finados (2 de novembro), na Praça da Paz, na Rua Ivanildo Alves, na favela Nova Maré.

A Associação Redes de Maré responde pela iniciativa: a intervenção urbana foi pensada a partir de uma provocação de **Artur Viana**, morador da Nova Holanda e integrante do eixo Direito à Segurança Pública e Acesso à Justiça (que acompanha e monitora os impactos da segurança pública no conjunto de favelas) e concretizada pelo projeto *Azulejaria*, que faz parte do eixo Direitos Urbanos e Socioambientais.

“Infelizmente, nem todo mundo tem preservado o direito ao luto. Alguns corpos geram mais comoção que outros. Resultado disso é que historicamente nas favelas, quando morre alguém, a pri-

meira pergunta que fazem é ‘era envolvido?’. Logo, se essa pessoa não se encaixa nos nossos valores sociais, é como se sua passagem não devesse ser sentida”, diz Artur.

### Dor coletiva

Uma das oficinas aconteceu na própria Rua Ivanildo Alves, no dia 23 de setembro, quando moradores do entorno colaboraram na pintura dos azulejos. As mães e os familiares das vítimas também criaram um manifesto que está no painel.

“Através desses desenhos, acho que todo mundo terá a oportunidade de perceber que essa é não só uma dor coletiva e inimaginável, como é também a história pessoal de cada mãe, e de cada familiar, com as vítimas”, destaca **Laura Taves**, arquiteta e responsável pelo *Azulejaria* na Maré.

Segundo ela, “criando e montando o painel, a relação que nós, a equipe do *Azulejaria*, desenvolvemos com as vítimas é muito mais próxima do que se não soubéssemos suas histórias. Mesmo sem conhecê-las, nós conhecemos suas mães, suas dores e o desejo delas de respeito e justiça pela memória de seus filhos e parentes”.

### Nunca mais

“As oficinas oferecem a quem vive o trauma a oportunidade de dizer ‘Nunca mais!’ Algo que precisa ser lembrado para que não volte a acontecer. Cada uma dessas pessoas que partiram fez diferença na vida de outras”, diz Laura.

A ideia do *Azulejaria* é



Alunas da oficina de azulejaria, Vânia e Hortência integram o coletivo de mães de vítimas do Estado

de um exercício de arte que busca fortalecer as potências individuais de seus participantes a partir da construção artística coletiva. E essa foi a percepção de **Vânia da Silva Pereira** e **Hortência Alves dos Santos**, mães vítimas da violência e integrantes do coletivo Mães da Maré. As duas participaram das oficinas e registraram por meio de desenhos nos azulejos memórias, sentimentos e reflexões.

Vânia tem 48 anos e é moradora nascida e criada na favela Rubens Vaz. Ela também é mãe de Marvin Natan Pereira Viana, que foi vítima da violência armada na Maré aos 26 anos, em 2019. “Aqui a gente expõe todas as nossas inconformidades, nossas tristezas. A gente sai leve e deságua tudo que tem que desaguar, esvazia e coloca tudo pra fora, nos azulejos. Saímos fortalecidas.”

Para essa mãe em luto, “um memorial para os nossos filhos não é vergonha, é ver que o nosso pedacinho, uma parte nossa está ali sendo lembrada, e isso é muito importante pra gente”.

Moradora da Nova Holanda, Hortência recebeu a notícia da morte do filho Gelson Martins Filho no dia 11 de janeiro de 2021. O jovem tinha 28 anos. “Tudo que eu estava sentindo desenhei ali no azulejo. Fiz eu e meu filho caminhando no meio de um bambuzal. É uma dor que não desejo para ninguém”, diz a mulher de 57 anos.

Essa mãe acredita que “a importância de ter um memorial na Maré para os nossos filhos vitimados pela violência armada é mostrar para a sociedade e os moradores que eles não são só números. Que ali estão histórias de vidas e de muita dor, de muitas lutas por trás de cada vítima”, diz Hortência.

Para **Bruna Silva**, moradora da Vila do Pinheiro e mãe do jovem Marcus Vinícius que foi alvejado por tiros quando se dirigia à escola, em 2018, o espaço deverá cumprir o papel de exaltar a memória e o não esquecimento da justiça e da sociedade civil para casos como o do filho: “Marcus Vinícius presente hoje e sempre.”



Gelson Martins, filho de Hortência, é lembrado no memorial



# Escola Nova Holanda completa 60 anos

Palco de lutas e conquistas, construção histórica que hoje abriga a creche é a origem da escola em funcionamento no Campus Maré

ADRIANA PAVLOVA E HÉLIO EUCLIDES

É na esquina entre as ruas Sargento Silva Nunes e Principal que se ergue um dos marcos fundamentais da história coletiva e da memória afetiva da Nova Holanda: há 60 anos foi inaugurada ali a Escola Nova Holanda, a primeira da favela. A construção simples, com pátio generoso, desde então serviu de palco para as conquistas e as lutas dos moradores do território, influenciando e unindo gerações de mareenses.

A referência é tão forte que foi preciso desdobrá-la: hoje, o espaço histórico no coração do território abriga a Creche Municipal Nova Holanda (que antes funcionava na Rua Carlos Lacerda), enquanto a escola foi transferida há quase sete anos para o Campus Educacional Maré. A mudança, no entanto, não afetou uma das suas principais marcas: ser um lugar acolhedor, que abriga a tanto das famílias quanto das comunidades.

Ao longo das décadas, o pátio que hoje faz parte da creche foi o principal ponto de encontro dos moradores, dado seu local estratégico e,

ao mesmo tempo, amplo para os parâmetros da favela. Foi cenário para reuniões que definiram as lutas históricas por infraestrutura, como conta o historiador **Edson Diniz**, autor do livro *Memória e identidade dos moradores de Nova Holanda*, ao lado de Marcelo Castro Belfort e Paula Ribeiro.

“É um espaço historicamente democrático. Nas últimas cinco décadas, foi um dos locais mais importantes de reunião dos moradores da Nova Holanda para assembleias, reuniões, festas e até aulas de pré-vestibular. É uma referência nas lutas e conquistas pela infraestrutura local, porque era ali que a população se reunia para se organizar para reivindicar água, saneamento, iluminação e asfalto”, explica Edson.

## Origem

A favela de Nova Holanda nasceu no começo dos anos 1960 como um Centro de Habitação Provisória (CHP), criado durante a gestão do governador do então estado da Guanabara Carlos Lacerda, para abrigar provisoriamente moradores removidos



Registro dos tempos em que Edson Diniz, um dos fundadores da Redes da Maré, era aluno



Espaço da primeira escola da Nova Holanda ativa a memória afetiva de quem faz parte desta história

compulsoriamente de outras favelas da cidade. A escola seguiu o projeto de construções pré-moldadas de madeira, pequenas, erguidas sobre uma região aterrada, onde, dependendo da configuração, moravam mais de uma família à espera de novas casas.

Com o passar do tempo, o que era provisório virou permanente, daí a necessidade e a importância das lutas em busca de melhorias, nascidas das organizações comunitárias, como lembra **Eliana Sousa Silva**, diretora da Associação Redes da Maré. Também ex-aluna da escola, ela foi presidente da histórica Chapa Rosa, que assumiu a Associação de Moradores de Nova Holanda em 1984.

“A escola cumpriu um papel social e afetivo muito importante para a comunidade, atravessando histórias de vida, e também pedagógico, porque desenvolveu projetos inovadores como a alfabetização de alunos com dificul-

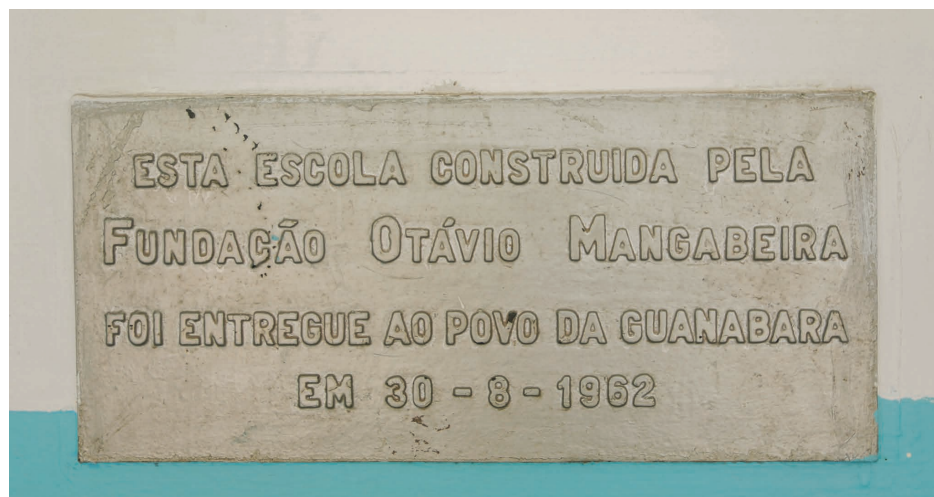
dades. O espaço segue honrando a sua missão e natureza ao abrigar a creche, cuja origem nos anos 1980 está ligada ao movimento comunitário das mulheres que se organizaram para ter um lugar onde deixar seus filhos”, relembra.

## Arte para todos

O espaço da escola, segundo Eliana, era como o Centro de Artes da Maré (CAM) hoje: “Durante muitos anos, a Escola Nova Holanda foi o espaço físico que abrigou atividades que a comunidade demandava. Se fosse fazer uma analogia, seria algo como o CAM, que é um local que abriga muitas atividades para além da sua missão, mais ligada à cultura e à arte.”

Irmã de Eliana, a assistente social **Elza Sousa Silva** também estudou na Escola Nova Holanda, mas suas lembranças mais marcantes são os eventos sociais e os encontros comunitários, incluindo as festas na igreja católica na





Instituição de ensino foi inaugurada em agosto de 1962, como registra a placa Nova Holanda, organizadas por sua mãe: “Não existia outro lugar para encontros e festas. Era uma escola aberta à comunidade, algo muito bonito e convivial”, recorda.

À frente da creche há 19 anos, a diretora Márcia Helena de Azevedo conta que o espaço segue as características do projeto original. Há um pátio aberto e mais seis salas, uma brinquedoteca, duas secretarias e mais uma cozinha e despensa, que servem a seis turmas com cerca de 150 alunos no total. Tudo sempre muito bem cuidado e conservado.

### Afeto e memória

**Neilde Barcelos** é a prova de que a Escola Nova Holanda se insere, indelével, nas memórias de quem é da região. Sua família chegou à Nova Holanda com a primeira leva

de moradores, em 1960. Seu pai trabalhou na construção dos barracões do abrigo provisório e, na escola próxima de casa, Neilde e seus irmãos aprenderam a ler e a escrever. Mais tarde, seu irmão Valderlei, o Papagaio, tornou-se vigia da escola, onde trabalharia por 40 anos, até morrer repentinamente. Não é de se estranhar que, na visita à Creche Nova Holanda, Neilde tenha ficado com os olhos marejados.

“Ainda me vejo correndo menina nesse corredor, que continua igualzinho. Eu me lembro das diretoras dona Marina e dona Thereza, sempre exigentes. O uniforme tinha que ser completo: tênis conga, saia plissada, camisa de tergal. Foi aqui que aconteciam as reuniões para lutarmos pela urbanização da Nova Holanda e a eleição da

Chapa Rosa. A escola era o palco para as reivindicações dos moradores. Quando meu filho nasceu, eu vim apresentá-lo às professoras. E quando a Redes ainda não tinha tantas salas, a escola abrigou aulas do nosso pré-vestibular”, diz ela, que atualmente é secretária da Redes da Maré.

A química e professora Andréa da Rocha foi, durante fins dos anos 1970 e início dos 1980, a mascote da Escola Nova Holanda. Filha caçula da merendeira Marlene, ela começou a frequentar a escola em frente à sua casa ainda muito pequena, acompanhando a mãe. Costumava bater nas portas das salas para avisar que era hora da merenda e, assim, mesmo sem ter idade, assistia às aulas como ouvinte. Virou xodó da diretora Marina Siqueira Tavares das Neves, da adjunta Thereza Kalil e das professoras. Tornou-se oficialmente aluna da escola e, como suas notas eram sempre muito boas, ao terminar o antigo primário garantiu uma vaga no Colégio Pedro II. E, mesmo não sendo mais aluna, continuou a ter aulas na antiga escola.

“A Escola Nova Holanda fez toda a diferença na minha vida. Era um lugar de solidariedade e amor. Dona Marina, dona Thereza e todas as professoras me apadrinharam para eu poder ir para o Pedro II, porque minha família era muito pobre e não tinha como comprar material e uniforme. Todos os anos elas compravam tudo. E como havia lacunas no meu aprendizado, todos os dias, eu acordava cedo e, antes de ir para o Pedro II, passava na Nova Holanda para estudar”, conta.

### Laços inquebráveis

Andréa nunca deixou de ter contato com as mestras, sobretudo com a diretora Marina, com quem teve uma

relação de afilhada até 2021, quando a antiga diretora morreu, aos 90 anos. Depois do Pedro II, Andréa passou para a Escola Técnica Federal de Química e, mais tarde, graduou-se nesta matéria na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Hoje, dá aulas na Educação de Jovens e Adultos (EJA).

“Hoje mesmo, quando eu estava em aula, me veio à memória uma imagem minha pequena, na sala de aula da Nova Holanda, ao lado de crianças maiores. Aquele foi um espaço formador, cheio de afetividade, que me fez ser quem eu sou e querer dividir o conhecimento com os mais jovens”, completa Andréa.

A atual Escola Municipal Nova Holanda levou para as novas instalações a aura do prédio original e toda a sua história. A diretora Renata Ramos da Cruz conta que é muito comum pais ou avós que foram ex-alunos procurarem vagas para seus filhos ou netos. Ela administra 15 turmas, do 1º ao 6º anos, reunindo um total de 420 alunos.

“O nome e a história da escola são um apelo muito forte, que fazem com que os ex-alunos queiram que seus familiares estudem aqui, criando um ambiente bom, com responsáveis muito próximos do corpo docente”, conta Renata.

Mais do que o prédio, os professores são o monumento vivo que marcam décadas de ensinamentos e aprendizados — como a professora Roseana Moreira, a Tia Rose, que há 45 anos leciona para as crianças da Maré na mesma escola: “Comecei em 1977, aos 23 anos. A Escola Nova Holanda é a minha vida. Foi naquela escola pré-moldada, pequena e acolhedora, que aprendi muito e criei laços: hoje dou aula para os filhos e os netos dos meus primeiros alunos”, diz.



Ex-aluna, Neilde Barcelos chegou à Maré com o primeiro grupo de moradores nos anos 1960

MATHEUS AFFONSO

MATHEUS AFFONSO



# Brasil e Maré elegem Lula presidente

## Eleições 2022 terminam com aumento de votos válidos nas favelas, além de crescer a preferência por candidatos de esquerda

EDU CARVALHO

Com mais de 60,3 milhões de votos, Luiz Inácio Lula da Silva (PT) venceu no segundo turno a disputa pela presidência da República do Brasil no dia 30 de outubro. Com este número, o petista se tornou o presidente mais votado da história no país. A disputa de 2022 foi a mais acirrada desde a redemocratização, com uma diferença de apenas 2.139.645 votos. E qual é o peso do voto favelado nesse resultado? Como votou a Maré no segundo turno da eleição presidencial mais disputada dos últimos anos?

No panorama geral do Rio de Janeiro, Lula perdeu para Jair Bolsonaro (PL), que teve 52,66% dos votos contra 47,34% do candidato eleito. Porém, nas zonas eleitorais 21ª, 161ª e 162ª, área que abrange Maré, Complexo do Alemão, Penha, Olaria, Ramos, Bonsucesso e adjacências, o pernambucano venceu com 118.650 votos, de acordo com dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE).

Olhando especificamente para o território mareense, nota-se que o candidato do PT venceu em mais locais de votação. As zonas que recebem a maior parte dos eleitores da região são a 161ª e a 162ª, sendo que a primeira tem 10 pontos de votação na Maré e a segunda, somente dois. Na 161ª, o percentual do segundo turno ficou assim: Lula (57,53%) e Bolsonaro (42,47%). Já na 162ª zona, o atual presidente venceu com 51,54% contra 48,46% do seu adversário. O total de eleitores aptos a votar nos locais de votação da Maré na



Após participar de caminhada no Complexo do Alemão, Lula foi alvo de notícias falsas replicadas pelo presidente Jair Bolsonaro

161ª corresponde a 85%, enquanto na 162ª é de 15%.

Em ambas as zonas, o comparecimento de eleitores aumentou e o índice de abstenção diminuiu. Na 161ª, 75,37% das pessoas aptas a votar o fizeram no primeiro turno; no segundo, a porcentagem subiu para 77,32%. Já na 162ª, a quantidade de eleitores que compareceu subiu de 75,02% para 75,24%. Na primeira, o índice de abstenção caiu 4,12% e na segunda, 0,42%.

Para **Josué Medeiros**, professor adjunto do Departamento de Ciência Política da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), o resultado demonstra o grau de afinidade entre o candidato, através dos projetos políticos apresentados, e a favela.

“Quando Lula vai ao Complexo do Alemão e prioriza aquela agenda com uma caminhada em que ele faz con-

tato direto com os moradores, ele mostra que valoriza muito esse voto. Quando Bolsonaro afirma que as pessoas que estavam no Alemão são criminosas, ele mostra que não valoriza e até mesmo estigmatiza esse voto”, considera.

O cientista político acredita que o resultado evidencia a escolha dos moradores de periferia como “pragmática” e não se diferenciando muito da lógica em todas as outras regiões. “O favelado procura saber que melhorias terá em sua vida concreta, mas isso está longe de ser de direita e está longe de ser uma especificidade do favelado. A maioria do eleitorado de todas as classes e em todos os bairros se comporta assim”, diz.

Bolsonaro é o primeiro a não conquistar um segundo mandato no Brasil. Desde que a reeleição foi aprovada no país, em 1995, to-

dos os presidentes eleitos que se candidataram.

### Primeiro turno

Além da escolha do próximo chefe do Executivo, no primeiro turno das eleições gerais os cidadãos precisaram decidir quem seriam seus próximos representantes nas esferas estadual (governador e deputado estadual) e federal (senador e deputados federais).

De acordo com os números apresentados, em contraste com a última eleição (2018), uma mudança de orientação ocorreu na Maré, seguindo a tendência de polarização para todos os cargos. Comparados os anos de 2018 e 2022, muitos são os fatores que podem influenciar e explica o movimento dos moradores na hora de apertar, a cada vez, o “confirma” na urna.

Para governador do Rio,





RENATO MOURA

Ato no Complexo do Alemão ganhou centralidade nas discussões no início de outubro

Cláudio Castro (PL) foi reeleito já no primeiro turno com 58,67% dos votos (4.930.288 no total), e também teve maioria na 161ª zona eleitoral — com 43,2% dos votos. No cargo desde o impeachment de Wilson Witzel, Castro ampliou a agenda de operações em favelas e comunidades do Rio, desrespeitando a Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental 635 (ou ADPF das Favelas). Dias antes do 1º turno, a Maré foi palco de uma operação policial que deixou cinco mortos e violações de direitos.

Já para a cadeira no Senado Federal, o candidato mais votado na Maré foi Alessandro Molon (PSB), com 27,4% dos votos. Romário, candidato reeleito do PL, teve quase 24% dos votos mareenses. Em relação ao Câmara dos Deputados, o candidato a deputado federal Felipe Brasileiro (MDB) foi o mais votado pelos mareenses, mas conseguiu apenas 11,35% dos votos no estado, insuficientes para elegê-lo-

**Cria da Maré, Renata Souza (PSOL) foi eleita deputada estadual com mais de 170 mil votos, sendo a mulher negra mais votada da história para a Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro. Do território, Renata recebeu o voto de 5.249 eleitores.**

A análise do primeiro turno utiliza os dados da 161ª zona eleitoral, onde está localizada a maioria dos pontos de votação da Maré.

Para Josué Medeiros, o trabalho feito por organizações não governamentais (ONGs), instituições e coletivos em diversos eixos faz o morador relacionar essas entidades com as melhorias que almejam e, assim, tornarem maior suas lutas estabelecidas no território. “É sensacional que essa relação com as associações consiga agora abrir as portas do sistema político (para a população em geral). É pouco ainda, precisamos de muito mais, mas eu considero isso uma grande vitória da renovação política”, celebra o pesquisador.

## É ‘Complexo’

Diferentemente das outras eleições, a favela ganhou destaque durante a campanha desse ano, após o candidato e agora presidente eleito Lula ter participado de uma caminhada com moradores do Complexo do Alemão no início de outubro. Ao lado dos ativistas Rene Silva e Camila Moradia, usou um boné com a sigla ‘CPX’, que remete ao ‘complexo’, termo usado por quem mora e conhece o local. Foi o que bastou para que a oposição usasse o presente como suposto objeto de ligação entre o candidato e o tráfico de drogas, mais uma vez criminalizando os moradores dos territórios.

“Estamos falando de pessoas trabalhadoras, de famílias que cuidam dos seus, de uma vida comunitária potente. E também de uma população que sofre as contradições da desigualdade mais do que o morador dos bairros de classe média”, analisa Josué. Segun-

do o especialista, o fator favela para a eleição de 2022 favorece e “é muito positivo para a nossa democracia”, indicando que a pregação que divide a sociedade “entre cidadãos de bem e criminosos” é que “precisa ser combatida por nós”. E tudo isso apontando os caminhos de um futuro não tão distante. “Se eu posso dar uma sugestão a esse ativismo é: pautem o futuro governo Lula. A hora é agora!”

## Como vota a Maré?

No mês de outubro, a Redes da Maré lançou o *Análises*, publicação periódica de sistematização e reflexão sobre dados e informações das 16 favelas da Maré, tendo como base o contexto político mais amplo em que vivemos. O principal objetivo é identificar e analisar como questões da conjuntura política repercutem na vida da população da região e podem orientar as práticas de trabalho da Redes da Maré.

## PLANO DO GOVERNO LULA: ACOMPANHE E COBRE

- **RETOMADA DE INVESTIMENTOS:** Compromisso de ações articuladas entre União, estados e municípios para retomar as metas do Plano Nacional de Educação. “Para alunos que ficaram defasados devido às inúmeras limitações durante a crise sanitária, afirmamos o compromisso com um programa de recuperação educacional concomitante à educação regular para que possam superar esse grave déficit de aprendizagem.”
- **MAIS CULTURA:** Criação e ampliação de políticas culturais melhoria das condições de vida e trabalho no mundo da cultura. “Fortalecer a memória e a diversidade cultural, valorizando a arte, a cultura popular e periférica, garantindo a plena liberdade artística.”
- **SALÁRIO MÍNIMO FORTE:** Com reajustes acima da inflação (caso o PIB cresça), com o aumento do poder de compra das famílias.
- **BOLSA FAMÍLIA:** Os R\$ 600 estão garantidos, e haverá acréscimo de R\$ 150 para cada família com crianças até seis anos (por criança).
- **BRASIL SEM FOME:** Compromisso de produzir e garantir comida para todos e tirar o Brasil, mais uma vez, do Mapa da Fome.
- **DESENROLA BRASIL:** Negociação das dívidas das famílias que recebem até 3 salários mínimos, com a consequente retirada do nome do devedor dos serviços de proteção ao crédito e reaquecimento da economia.
- **MINHA CASA, MINHA VIDA:** Retomada do maior programa de habitação popular da história do Brasil.



# Fragments do cotidiano

JONES



CHRIS





CHRIS



CHRIS



CHRIS



JONES



JONES



JONES

O olhar afetuoso para o dia a dia da Maré é apresentado no ensaio especial da edição de novembro do Maré de Notícias. A dupla de irmãos e artistas mareenses parte da desconstrução dos estereótipos lançados sobre a vida na favela. “Escrevo e reescrevo toda a nossa história, pelos nossos próprios olhos, fotografando o nosso cotidiano”, diz Jones. Um pedacinho da imensidão das várias marés dentro da Maré.

### Os irmãos Chris

Nascido e criado no Conjunto Esperança, **Chris** é aluno da Escola de Fotografia Popular.

**Jones** dá aula de fotografia artesanal no projeto *Mão na Lata*, da Redes da Maré, e também é moradora do Conjunto Esperança.



# O clima mudou. E agora?

Calorão e enchentes que marcam o dia a dia das favelas podem ter efeitos irreversíveis caso não sejam enfrentados por governos

EDILANA DAMASCENO

Quando a chuva cai com intensidade, Daniela de Moraes, 36 anos, já sabe que não há muito que possa fazer. Há 20 anos moradora da favela Rubens Vaz, ela já entendeu que o esforço da família para conter a força da água nem sempre é suficiente para impedir os estragos provocados pelas enchentes. Em meses de chuvas fortes, bastam poucos minutos para que o valão transborde e danifique as paredes, os móveis e demais pertences, fazendo do lar tão cuidado por todos um cenário de devastação, tristeza e indignação. “É algo que não desejo pra ninguém”, afirma.

O problema é histórico, mas a sensação de Daniela e de outros moradores da Maré é de que ele tem aumentado com o passar dos anos. A professora de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) **Carolina Galeazzi** garante que não é

apenas uma impressão. As mudanças climáticas têm piorado o cenário, culminando na chamada emergência climática.

A especialista explica que o meio ambiente sofre graves consequências da ação humana desde a industrialização, quando as fábricas passaram a emitir gases poluentes que provocam o aquecimento do planeta: “Isso levou a um desequilíbrio na vegetação e nos oceanos, gerando um aumento no nível do mar e, conseqüentemente, chuvas mais frequentes.”

Segundo um levantamento do Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais (Cemaden), mais de 925 mil pessoas vivem em áreas de risco de enchentes ou deslizamentos no Rio de Janeiro. Tais fenômenos estão diretamente ligados à falta de saneamento básico ou coleta irregular de lixo, problemas recorrentes no dia a dia

ACERVO COCÔZAP



Quando cai uma chuva mais forte, Daniela se sente vulnerável pela localização da sua casa dos fluminenses.

Em 2019, menos de 40% do esgoto gerado no estado do Rio era tratado, como indicam dados do Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento (SNIS). O resultado disso é que os canais não conseguem dar vazão aos dejetos da população, o que prejudica o fluxo das águas da chuva até a Baía de Guanabara, por exemplo. O lixo descartado de forma indevida ou o que não é coletado pela Comlurb deixa o cenário ainda pior, obstruindo os canais e entupindo bueiros e bocas de lobos.

Na Maré, 80% das mais de 200 queixas dos moradores sobre saneamento básico se referem a esgoto e lixo, de

acordo com o relatório *Cocôzap: Sistematizando dados e formulando políticas*, publicado em agosto deste ano pelo data\_labe em parceria com a Fundação Heinrich Böll.

São histórias de pessoas como Daniela, que já nem sabe mais de cabeça o tamanho do prejuízo financeiro causado pelas enchentes. “Como moro na parte baixa, já perdi muitas coisas, como roupas de cama, painéis, calçados e brinquedos da minha filha, além de alimentos, que ficam embaixo

“É um sofrimento pra quem precisa morar na beira do valão”, lamenta Daniela.



Movimento Está rolando um Clima reflete sobre relação entre mudança climática e periferias

GABILINO





Valão da Rua João Araújo é um dos pontos de preocupação no que diz respeito a alagamentos da pia”, conta. Com o agravamento da crise climática, Daniela e toda a família (marido e o casal de filhos) sonham com a possibilidade de viver em uma casa mais no alto.

### Cada vez mais calor

Além dos alagamentos, a crise climática pode provocar outros problemas: um deles é o aumento do calor. De acordo com o serviço de monitoramento do clima da União Europeia, os últimos sete anos foram os mais quentes já registrados em todo o planeta.

Carolina Galeazzi destaca que os efeitos desse “calorão” são mais sentidos por quem vive em áreas urbanas. “Esse meio não está preparado para oferecer sombra, uma praça, um parque externo, onde seja possível se refrescar ou descansar no meio de um percurso, evitando que o morador sofra de insolação, alteração na pressão etc”, diz a especialista.

Além dos prejuízos à saúde física, o excesso de calor também impacta a vida financeira do cidadão e aumenta o consumo de energia elétrica. “A gente vai querer ligar mais o ar condicionado; aumentando a demanda por mais energia. Não temos como saber se a produção energética será suficiente, então talvez precisemos construir mais hidrelétricas”, exemplifica a doutoranda em Urbanismo.

Outro ponto importante para entender a mudança do clima nas cidades são as ilhas de calor, fenômeno identificado em áreas urbanas e que demonstra como a temperatura nesses espaços pode ser discrepante em relação a áreas rurais.

Ao pesquisar a ocorrência de ilhas de calor na Maré, Carolina mediu o nível de calor em diferentes pontos do conjunto de favelas e notou, por exemplo, como a temperatura se mostra mais alta em ruas mais estreitas. A Nova Holanda apresentou, em alguns momentos, mais calor do que a área da Baixa do Sapateiro, que conta com maior vegetação e espaços abertos para ventilação.

A pesquisadora ressalta que as diferenças têm a ver com os motivos que levam determinado território a propagar ou dispersar o calor. “Não é por serem favelas, e sim pelas condições às quais as favelas são submetidas atualmente.”

### Leblon sem lixo

As escolhas de quais lugares serão mais assistidos e quais serão preteridos são políticas. É o que afirma **Maureen Santos**, professora de Relações Públicas da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio): “Não são só mudanças climáticas, é um modelo de desenvolvi-

mento que vem sendo empregado no país e apoiado pelos governos.”

Ela relembra que, em 2015, a cidade do Rio de Janeiro sediou o encontro do C4, grupo formado pelas maiores metrópoles do mundo com o objetivo de defender a pauta climática. O evento resultou em avanços no setor, que retrocedeu na gestão do prefeito Marcelo Crivella e estagnou no atual governo de Eduardo Paes.

Para a especialista, investir na infraestrutura é fundamental para reverter o quadro histórico de problemas climáticos no Rio, cuja geografia já colabora para um impacto maior das chuvas. Como estratégia de enfrentamento, Maureen cita a organização da própria população para priorizar e discutir o tema, seja votando em quem tem propostas ou cobrando quem está no poder e pode decidir em que melhorias investir.

Este ano, o Egito vai sediar um dos maiores eventos para a resolução da emergência climática: a Conferência das Partes (COP), patrocinada pela Organização das Nações Unidas (ONU), acontece entre 6 e 18 de novembro. Esta 27ª edição vai reunir os países cujos governos se comprometeram a controlar a emissão de gases de efeito estufa e a conter o aumento da temperatura do planeta.

Segundo Maureen, o primeiro passo para a mudança é a conscientização, sobretudo acerca do papel de cada um nessa luta. “É importante não culpabilizar, pelo estado em que a favela se encontra, o morador por supostamente jogar lixo no rio ou deixar as sacolas na porta de casa. É o governo quem precisa garantir uma coleta de lixo eficiente na favela. Por que a coleta é regular no Leblon e não na Maré?”, questiona.

Em meio a decisões políticas que geralmente não priorizam as favelas, as especialistas são unânimes em afirmar que somente com investimento em saneamento básico a Maré poderá enfrentar essa emergência climática.

*Edição: Elena Wesley*



# Acesso negado a mulheres negras

Dados apontam que diferenças no atendimentos e na realização de procedimentos médicos dependem da cor da pele da paciente

SAMARA OLIVEIRA E TERESA SANTOS

Por definição, racismo estrutural é aquele impregnado dentro da própria estrutura social, e, assim, seria considerado como “normal” pela sociedade. Essa “normalidade” atinge quem não é etnicamente branco desde o processo de nascimento — isso é o que revela o dossiê *Mulheres Negras e Justiça Reprodutiva 2020-2021*, da ONG Criola. No Brasil, se 37,3% das mulheres brancas recebem medicamento para alívio da dor no parto (analgésia epidural), entre as negras essa percentual cai para 27%. São elas, também, que são submetidas mais frequentemente a manobras desnecessárias para acelerar o trabalho de parto: 38,4%, contra 34% das mulheres brancas.

Dados obtidos pela associação de jornalismo de dados Gênero e Número com o Ministério da Saúde via Lei de Acesso à Informação apontam que, entre 2008 e 2017, a cada 100 mil mulheres pretas que deram entrada numa unidade de saúde para parir, 22 morreram. Os números retratam a maior taxa de mortalidade materna por etnia, o dobro em relação às gestantes brancas, que morrem 11 a cada 100 mil internações por parto.

A violência obstétrica é uma realidade para a mulher que vê negados ou violados seus direitos ao longo da gestação ou parto. Direito à analgesia no



Jô sente na pele as dificuldades para acessar os serviços de saúde



Sobrecarga do sistema de saúde prejudica boa parte da população, mas dados apontam sofrimento extra de mulheres negras

parto (alívio da dor), consultas e atenção pré-natal e direito a acompanhante no parto são alguns deles — muitos desrespeitados e ignorados quando a gestante/parturiente é negra. Segundo dados de 2020 da Secretaria Municipal de Saúde, enquanto mais de 84% das mulheres brancas tiveram acesso ao pré-natal, contra a taxa entre as mulheres negras foi de 73%.

Sob o ponto de vista legislativo, é possível dizer que o Estado reconhece o racismo estrutural na sociedade brasileira, inclusive no acesso à saúde. Um indicador é a elaboração da Política Nacional de Saúde Integral da População Negra (PNSIPN) instituída em 2009. No entanto, dados levantados pela Gênero e Número apontam que, transcorrida uma década, somente 28% dos municípios havia posto a política em prática.

## Busca por atendimento digno

Apesar de não apontar diretamente como um problema enfrentado por seu gênero e etnia, a comerciante Jô (ela prefere ser identificada pelo apelido), de 42 anos, moradora da Nova Holanda, é uma das mulheres negras que personificam os dados que apon-

tam maior dificuldade de conseguir tratamentos adequados devido ao recorte racial. Mãe solo de dois filhos, sendo um deles com transtorno autista, Jô utiliza a Clínica da Família do seu território tanto para assistência à saúde como para conseguir os remédios específicos do seu filho.

“Hoje em dia, para conseguir um bom atendimento, temos que ter algum conhecimento. Estou há uma semana com estômago ruim e nunca tem médico para me atender. Ou tem um ou tem outro sobrecarregado, aí você tem que marcar pra semana que vem... Até lá já morri porque a gastrite quando ataca, sabe como é, né? Isso causa indignação. Fora quando não consigo pegar os remédios para o meu filho, ele toma quatro e eu acabo tendo que comprar”, conta ela, inconformada.

A comerciante ressalta também que mesmo quando vai a outra unidade de saúde fora do conjunto de favelas da Maré é orientada a voltar às clínicas ou postos da sua região para ser atendida lá. Entre protocolos de atendimento e ausências, Jô se torna mais uma mulher negra que não consegue acesso a um direito básico previsto na Constituição.





MATHEUS AFFONSO

A pressão social é importante para eliminar o racismo estrutural e reverter seu impacto no atendimento à saúde da população

### Sistema de poder

Segundo a pesquisadora da Escola Nacional de Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz (Ensp/Fiocruz) **Roberta Gondim**, essa diferença é resultado de uma produção histórica, política e social: “As desigualdades são formas de expressão de uma estrutura racista que foi historicamente construída. O racismo é um sistema de poder, uma estrutura política e social. O corpo negro é lido como não tendo a mesma legitimidade enquanto humano que o corpo branco; logo, a saúde sobre ele é desigual.”

Além de Jô, a fiscal de

loja **Jaqueline Conceição**, de 50 anos, mulher negra e também moradora da Nova Holanda, tem a mesma reclamação quando o assunto é seu acesso à saúde. Além da falta de médicos, Jaqueline reclama do atendimento oferecido na unidade em que ela é paciente e do des-caso que enfrenta.

Há cerca de um ano, Conceição realizou uma mamografia e um exame de raio-x no pé. No entanto, a fiscal não conseguiu que um médico visse o resultado dos exames. “Queria conseguir fazer um check-up, saber como estou. Eu mostro meus exames e sempre ouço que

não tem como olhar, que tem que agendar uma consulta para isso. Também estava há quase um ano fazendo tratamento com dentista, de repente pararam de me chamar. Me tiraram por conta própria e eu nem fui comunicada de nada”, reclama.

A filha de Jaqueline, uma menina negra de apenas três anos, também já sente o impacto desse contexto. Recentemente, bolinhas vermelhas começaram a surgir pelo corpo da pequena aparentando ser uma reação alérgica. Com a constante dificuldade de ser atendida, Jaqueline teme que a filha também não receba um diagnóstico para seu problema de saúde.

classe (o quanto temos), e o resultado é a fragilização e vitimização de quem é discriminado sob esses aspectos e oprimido por todos. “Dizemos que a mulher negra está na base da pirâmide social”, explicou Roberta Gondim.

Para a pesquisadora, é possível reverter este cenário, mas a mudança precisa partir da própria sociedade, em uma luta tanto de indivíduos brancos como negros, cada um do seu lugar social: “Por um lado, precisamos de políticas públicas, por outro, de mobilização social, de pressão social.”

Roberta lembra que “as mulheres negras têm um papel importante nos espaços da saúde, tanto na linha de frente da atenção, como também na gestão e na formulação das políticas. É preciso que este grupo seja respeitado em seus saberes e que exercite uma gama de recursos de poder, entre eles, econômicos, políticos, epistêmicos (isto é, o poder do saber) e decisórios. Nesse processo, é importante a participação efetiva da parte branca da sociedade, porém o protagonismo é negro”.

SAMARA OLIVEIRA



Jaqueline reclama de atendimento oferecido

## Mais dados: violência obstétrica

Uma mulher sofre violência obstétrica quando passa por situações de violação de direitos ao longo da gestação ou parto. Não ter acesso à analgesia no parto (alívio da dor), ter menos consultas pré-natais ou receber atenção pré-natal inadequada, não ter seu direito a acompanhante no parto respeitado — esses são exemplos de violência obstétrica.

Se nos aproximamos ainda mais da nossa realidade, observando, por exemplo, a cidade do Rio de Janeiro, vemos que, segundo dados da Secretaria Municipal de Saúde de 2020, enquanto mais de 84% das mulheres brancas tiveram acesso ao pré-natal, a taxa entre as mulheres negras foi de 73%.

### O que é raça?

Biologicamente, não existem “raças” humanas. O conceito de raça é uma construção histórico-social, que resultou em desvantagens para o não branco dentro da sociedade — cruel e particularmente para os negros. A questão da raça se entrecruza e é potencializada por outros aspectos, como gênero (feminino ou masculino), origem (de onde viemos) e



# Espaço aberto para as adolescentes

## Casa das Mulheres, equipamento da Redes da Maré que completou seis anos de existência, amplia o atendimento às jovens da Maré

ADRIANA PAVLOVA

Terça-feira agora é dia de garotada na Casa das Mulheres. O espaço no Parque União, que nos últimos anos se tornou o porto seguro para as mulheres de toda a Maré, chega ao seu sexto ano abrindo as portas para acolher as adolescentes e jovens de até 21 anos da favela. A grande estrela da temporada é a *Terça em Casa*, encontros que acontecem às terças-feiras à tarde, das 15h às 18h, com jogos, cinema com debate, passeios e experiências artísticas.

A programação para meninas responde a uma demanda surgida durante a pandemia, quando o espaço passou a receber um número maior de jovens para o atendimento psicossocial, um dos projetos centrais que acontecem ali. Como uma das missões da Casa é propor respostas coletivas a demandas individuais, a solução foi buscar atividades em grupo formatadas para atrair adolescentes de todas as comunidades.

“A pandemia deixou as meninas sem qualquer espaço de socialização. Com as aulas suspensas, muitas vezes elas sequer tinham um quarto em suas casas para viver um momento mais particular. Daí o

aumento da procura por nosso plantão psicossocial e a nossa percepção de que era hora de agir e pensar em uma resposta coletiva”, explica **Julia Leal**, uma das coordenadoras da Casa das Mulheres.

E o acolhimento às meninas começa pela equipe formada por jovens que falam a mesma língua da turma participante. À frente das *Terças em Casa* está **Stefany Silva**, multiartista cria da Maré:

“Os projetos são artísticos, e há sempre a preocupação de estimular a autonomia das jovens, trabalhar tanto a individualidade de cada uma como também o pertencimento ao território”, conta Stefany, assumindo o aspecto experimental no processo junto às adolescentes.

Segundo a artista, “este é um trabalho em transformação, que segue a metodologia da própria Redes, de ir percebendo a demanda e melhorando. É um espaço que pensa na questão qualitativa, nas temáticas raciais e territoriais, além de ter foco na saúde mental dessas jovens.”

No dia em que a reportagem participou da *Terça em Casa*, a programação foi dedicada ao cinema. As meninas e a equipe se encontram no



Acolhimento é a palavra do trabalho da Casa das Mulheres, agora com as adolescentes

que chamam de “casinha”, que nada mais é do que um anexo recém-aberto da Casa das Mulheres, com uma das entradas pela Rua Darcy Vargas (conhecida como Rua do Valão). Foram as próprias participantes que escolheram o filme do dia, *Soul*, uma animação da Disney-Pixar, a partir de três opções. A sessão teve pipoca, suco e também uma conversa em roda no final, para que todas pudessem refletir juntas sobre a história do filme.

Nesse dia, a roda de conversa contou com a participação da terapeuta educacional Sabine Passareli, residente do Instituto de Psiquiatria (IPUB) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), que chegou para reforçar a equipe. Além dela e de Stefany, fazem parte do grupo a assistente de coordenação Myllenne Fortunato e as articuladoras Brenda Vitória e Andressa Dionísio.

### Abertas à conversa

Cerca de 35 cinco jovens já passaram pelas *Terças em Casa*; cada encontro tem uma média de três a oito partici-

pantes. Para a estudante **Vi-tória Cristina Lima Carvalhães**, de 20 anos, moradora da Nova Holanda, o projeto tem sido um espaço de relaxamento. No dia da sessão do filme *Soul*, ela levou a irmã mais nova, Maria Eduarda.

“Aqui me sinto aberta para conversar, porque somos só nós, garotas, e cada uma vai trocando experiências e opiniões. Num ambiente em que tem homem não me sinto à vontade para falar de mim”, diz a estudante do Ciep Professor Cesar Pernetta.

Não é preciso inscrição prévia para participar do *Terça em Casa*; é só chegar e aproveitar. Em novembro, a programação começa no dia 1º com a projeção da animação *Cada um na sua casa*, dentro do Cine Debate; no dia 8, haverá a confecção de bonecas abayomis; no dia 22 acontece a *Tarde de Jogos*; e no dia 29 será realizada uma atividade externa, que tanto pode ser na Maré (o grupo já visitou, por exemplo, o Parque Ecológico, na Vila dos Pinheiros) ou fora, como passeios e visitas a museus.



Encontros acontecem às terças-feiras, com jogos, cinema com debate, passeios e arte



# Mortes por tuberculose aumentam na Maré

Descontinuidade do tratamento e a desigualdade social são determinantes para a letalidade da doença

JOÃO GABRIEL HADDAD E REBEKAH TINOCO\*

pela primeira vez em uma década a taxa de óbitos por tuberculose a cada 100 mil habitantes no estado do Rio de Janeiro aumentou, segundo o Boletim Epidemiológico da Tuberculose do Ministério da Saúde. No caso da Maré, especificamente, o médico de família **Humberto Sauro**, responsável técnico da Secretaria Municipal de Saúde que tem sob sua supervisão as 16 favelas, diz que “o risco” é semelhante e alto na totalidade do território; sempre maior para os mais pobres, com pior moradia ou sem nenhuma”.

Embora as mortes tenham diminuído de 2020 para 2021, os casos de tuberculose no conjunto de favelas da Maré subiram, indo de 216 em 2020 para 246 em 2021. Além disso, nos primeiros seis meses de 2022, 11 pessoas morreram por tuberculose na Maré, alcançando o número total registrado de óbitos durante o ano de 2020.

## Letalidade maior

Pelos dados de 2021, o Rio de Janeiro é o segundo estado com maior incidência da doença, com 67,4 casos a cada 100 mil habitantes, atrás apenas do Amazonas, com 71,3. O aumento registrado não foi

somente na taxa de mortalidade (ou seja, quantas pessoas a doença matou); a de letalidade (quantos morreram entre aqueles que adoeceram) também subiu. Isso significa que há mais chances de uma pessoa morrer ao ser contaminada pela bactéria causadora da tuberculose. Segundo o Ministério da Saúde, em 2019, a letalidade no Rio de Janeiro era de 6,58%; em 2021 a taxa subiu para 6,72%.

Quatro grupos são considerados de risco permanente: indígenas, privados de liberdade, pessoas com HIV/Aids e aquelas que vivem em situação de rua. A doença atinge em especial as regiões com menores índices de desenvolvimento socioeconômico, como explica a gerente de Doenças Pulmonares e Prevalentes da Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro-SMS-Rio, **Ana Paula Barbosa**.

“A tuberculose é uma doença com grande determinação social, advém da pobreza e a perpetua, à medida que os grupos sociais mais atingidos são aqueles com maiores vulnerabilidades.”, diz ela.

## Negros e pobres são mais atingidos

As condições das moradias estão intimamente liga-



Clínica Adib Jatene: é possível tratar a doença, mas é preciso cumprir todas as etapas do tratamento

das à disseminação da doença. “Casas pequenas, com pouca ventilação e iluminação, e geralmente com grande número de pessoas em cada cômodo facilitam a transmissão e prevalência da doença”, diz Humberto Sauro, que também supervisiona os conjuntos de favelas do Alemão, Penha, Vigário Geral, Mangueiras, Jardim América e Cidade Alta.

As ações específicas para cada comunidade são de responsabilidade das unidades de atenção primária da região. Elas cuidam individualmente de fatores como a adesão ao tratamento, diagnóstico da tuberculose latente e fatores decorrentes do tratamento sob influência de drogas.

As populações preta e parda não compõem somente o percentual dos mais pobres do país: nelas estão mais de 69% dos novos casos confirmados de tuberculose em 2021. A proporção desse grupo entre os casos totais vem aumentando desde a realização do primeiro relatório do Ministério da Saúde, em 2012, quando o número era de 61,9%.

## Doença “esquecida”

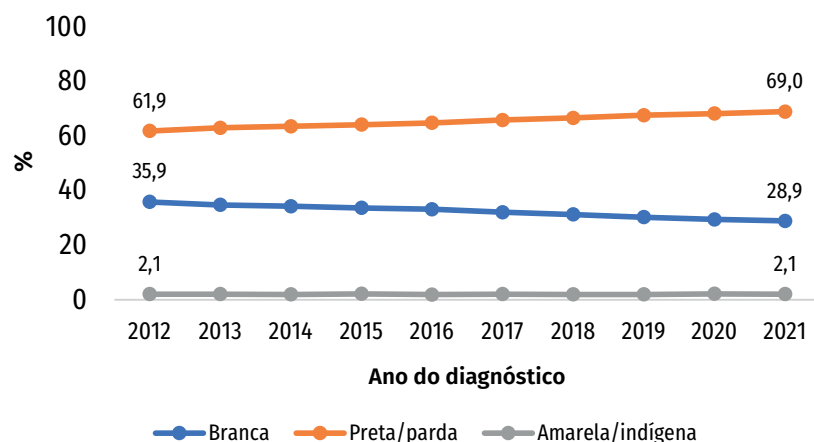
Os especialistas alertam para uma queda artificial na taxa de incidência da tubercu-

lose, identificada nos anos de 2020 e 2021. “Isso provavelmente aconteceu devido à redução do acesso aos serviços de saúde, por receio da própria população em relação à covid-19”, explica Ana Paula Barbosa. Sem a busca por atendimento nos centros de saúde, pode ter havido subnotificação de casos ou pior: aqueles em tratamento contra a tuberculose não voltaram para continuar o combate à doença.

Outros problemas decorrentes da pandemia de covid-19 podem ter afetado a identificação de doentes pela tuberculose, como o remanejamento de profissionais da saúde e a redução do orçamento ou mesmo a interrupção de alguns serviços de saúde. A expectativa é que, com a diminuição dos casos e mortes associados à covid-19, os registros de tuberculose voltem a subir — é o que prevê a Secretaria Estadual de Saúde do Rio de Janeiro (SES-RJ).

(\* *João Gabriel Haddad e Rebekah Tinoco são estudantes universitários vinculados ao projeto de extensão Laboratório Conexão UFRJ, uma parceria entre o Maré de Notícias e a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)*)

## PERCENTUAL DE CASOS NOVOS DE TUBERCULOSE PULMONAR POR RAÇA/COR. BRASIL, 2012 A 2021



Fonte: Boletim Epidemiológico da Tuberculose do Ministério da Saúde (2021)



# Confira os destaques no site do Maré de Notícias

(<https://mareonline.com.br>)

## ✓ Semana de Arte Favelada leva programação especial à Maré e ao Municipal

*Marte Um*, filme que vai representar o Brasil na disputa pelo Oscar 2023, terá exibição gratuita no Museu da Maré.

Para ler acesse <https://bit.ly/3SOVvXD> ou escaneie o código QR ao lado.



## ✓ Associações de moradores promovem reordenamento das ruas na Maré

Ações pela mobilidade acontecem no Parque Maré, na Nova Holanda, em Rubens Vaz e no Parque União.

Para ler acesse <https://bit.ly/3TVmsKx> ou escaneie o código QR ao lado.



MINISTÉRIO DO TURISMO, PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO E SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA APRESENTAM

# Fu p 22 O QUILOMBO DO LIMA

HOMENAGEM AOS 100 ANOS DA MORTE DE LIMA BARRETO

## 05 A 11 DE DEZEMBRO

CENTRO DE ARTES DA MARÉ

### BATALHAS DE SLAM, MESAS DE DEBATES E SHOWS MÚSICAIS

ACOMPANHE EM: [FLUP.NET.BR](https://FLUP.NET.BR) / [@FLUPRJ](https://@FLUPRJ)



## PALAVRAS CRUZADAS

www.coquetel.com.br

© Revistas COQUETEL

1ª vogal Resultante de contaminação	Viver bem vestido (pop.) Conclusão	Sufixo diminutivo de "burrico" Peça de metal para prender papéis	Renome Enorme	Sepultura onde se enterram os cadáveres
→	→	→	→	→
Certificado de conclusão de curso				Marina Silva, política brasileira
→		Espécie de porco selvagem	Deserta; desabitada	→
Museu no Aterro do Flamengo (RJ)	Idioma falado em Tôquio Brisa			Mulato de cabelos claros
Veículo que levou o homem à Lua			O nó difícil de ser desatado	Depois de Apoio usado em saltos
→		Prefixo de "intravermelho"	Fruta seca que gera a passa	→
Wagner (?), ator de "Tropa de Elite 2"				
Enfatizar (assunto) Consoantes de "rico"	Inglês (abrev.) Não curtido (couro)		Cultiva (a terra) Tornar menor	
Enlouquecer (gir.)		Obrigar; impor		
→			"O (?) do Gado", antiga novela	Objeto para puxar água no chão
Como fica o naturalista na praia		Sensação da queimadura		A verde simboliza a esperança
Usado novamente	509, em algarismos romanos	Tecido fino e transparente		Adriane Galisteu, apresentadora
→				
O do feto é visto na ultrassonografia			Ultraje a (?): gravou "inútil" (MPB)	

BANCO 4/cova, 5/pirar, 7/japões, 10/infecioso, 11/reutilizado.

18

Disponível em bancas e livrarias!

Pixel

### Solução

R	O	G	M	O	X	S	
O	D	A	Z	I	L	I	R
C	O	U	D	O			
R	A	R	D		N		
A	E	A	R	A	P		
R	A	R	A	R	R		
R	A	R	A	R	C		
T	A	R	A	R	T		
T	A	R	A	R	S		
A	V	A	C	U	N		
S	P	A	V	E	N		
S	E	N	O	V	R		
A	M	E	I	W	M		
V	A	M	O	V	I		
O	S	O	I	D	E		
C	B	I		A			

# RESEMA MARÉ

## 2ª SEMANA DE SAÚDE MENTAL NA MARÉ

# 17, 18 E 19 DE NOVEMBRO